

**POR UMA GEOGRAFIA DO “CUSTO ZERO”: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM  
SALA DE AULA**

**BY A GEOGRAPHY OF “ZERO COST”: EDUCATIONAL PRACTICES IN THE  
CLASSROOM**

**Leonardo Pinto dos Santos**

Graduado pela Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: leonardoufsm@hotmail.com

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

**Victória Sabbado Menezes**

Graduada pela Universidade Federal de Pelotas

Bolsista do PIBID/CAPES

E-mail: vi145\_sm@hotmail.com

Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

**Roselane Zordan Costella\***

Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós graduação em Geografia

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2

E-mail: ro.paulo@terra.com.br

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

\*Endereço: Roselane Zordan Costella

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Av. Bento Gonçalves, 9500, Campus de Agronomia, CEP: 91501-970 - Porto Alegre, RS – Brasil.

**Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho**

**Artigo recebido em 21/02/2014. Última versão recebida em 10/03/2014. Aprovado em 11/03/2014.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

## RESUMO

O seguinte trabalho parte da ideia de dar ao aluno a possibilidade de ser autor e ator dentro do processo de aprendizagem a partir de uma “Geografia do custo zero”. As práticas “um minuto” e “viajando no mapa-múndi”, baseadas nas pesquisas de Castrogiovanni (2012) e Kaercher (2007), e ainda o “abc dos países” foram desenvolvidas dentro de turmas do sexto ao nono ano do ensino fundamental, na Escola Estadual Coronel Vicente Freire, localizada no município de Canoas no Rio Grande do Sul. Dentro da perspectiva destas práticas, se pensa a partir de sem custo monetário para o docente (“Geografia do custo zero”), à possibilidade de o discente ter voz no ambiente escolar, tirando-o de sua zona de conforto do professor, dono da palavra, e o estudante, o mero ouvinte, para um movimento, onde o educador escuta e aprende com a fala dos seus alunos, (e alunas) onde ele se insere como um elemento desequilibrador dentro do diálogo, e onde percebe qual é o espaço cultural cotidiano destes meninos (e meninas) que nos ensinam diariamente com suas dúvidas, anseios e emoções.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Geografia do custo zero. Ensino Fundamental. Canoas.

## ABSTRACT

The following work from the idea of giving the student the opportunity to be an author and actor in the learning process from a “Geography of zero cost”. The practices of "one minute" and "traveling on the world map" are based on research of Castrogiovanni (2012) and Kaercher (2007) and further "abc of countries" were developed within the classes from the sixth to ninth grade of elementary school in State School Coronel Vicente Freire located in the county of Canoas in Rio Grande do Sul. From the perspective of these practices, it is thought from no monetary cost to the teacher ("Geography of zero cost") to whether the students have a voice in the school environment, taking it out of your comfort zone master teacher of the word and the student the hearer to a movement where the teacher listens and learns from the speech of their students, where it belongs as an unbalancing element within the dialogue, and where realizes what the everyday cultural space of these boys and girls teach us daily with your questions, concerns and emotions.

**Keywords:** Teaching Geography. Geography of zero cost. Elementary Education. Canoas.

## INTRODUÇÃO

Nos palcos da academia sempre escutamos a discussão sobre a falta de infraestrutura da escola pública e da dificuldade latente que professores (e professoras) têm em desenvolver práticas pedagógicas por falta dos mais distintos recursos.

Nesse contexto, é que pensamos em explicar algumas atividades, sem custo material para as instituições escolares e para o próprio docente, atividades que Kaercher (2009, p.10) chamou de “Geografia do custo zero”:

[...] porque não implicam em gastos extras nem tampouco recursos tecnológicos (nada contra eles, mas no geral não estão muito disponíveis nas escolas públicas do meu estado, da minha cidade). Uma simples folha xerocada e já temos, muitas vezes, matéria-prima para belas discussões e produções. O diferencial não é o computador, é dar o ‘clique’ na turma.

A partir de práticas dentro deste contexto de “sem custo”, a importância em nossas reflexões não é o material em si, mas as reflexões despertadas tanto nos professores, como nos nossos educandos, tendo, neste ínterim, uma gama de momentos para que nós, como educadores, possamos desequilibrar nossos alunos, para que estes reflitam sobre o que estão vendo e compartilhando com seus colegas.

As práticas presentes no escopo deste artigo buscam, também, demonstrar para os discentes que, por mais singulares que possam ser, perpassam dificuldades, sonhos, gostos e emoções que partilham com colegas que normalmente não são os de suas “tribos” ou os seus famosos “grupinhos”, além de compartilhar a cultura e saberes do nosso alunado para com nós educadores.

Estruturamos nosso texto em duas etapas que se complementam. Na primeira parte, faremos uma breve introdução sobre o ensino de Geografia e trazemos algumas reflexões teórico-metodológicas que estamos partilhando dentro do programa de pós-graduação em Geografia, no âmbito das discussões da linha de pesquisa em ensino de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Na segunda etapa, montaremos a metodologia das atividades do “um minuto” e “viajando no mapa-múndi” e, por fim, alguns resultados que conseguimos com essas práticas dentro de turmas do sexto ao nono ano do ensino fundamental, da Escola Estadual Coronel Vicente Freire, localizada no município de Canoas no estado do Rio Grande do Sul.

O nosso pensar com este artigo sobre as práticas realizadas dentro do ambiente escolar e sua abertura para o diálogo com outros professores (e professoras) parte do ideário de

Passini (2012, p.209), que coloca que “aflige-nos perceber que você, professor, realiza trabalhos significativos, mas que ficam guardados nas gavetas, uma comunicação muda, sem divulgação, que paralisa o diálogo”.

A reflexão sobre nossas próprias práticas escolares se mostram de grande importância por parte do educador; é pensando em nossas práticas que podemos perceber os erros e acertos e os diferentes caminhos a se percorrer.

Pensamos sempre na importância de se manter o espírito de professor-pesquisador, pois estamos em sala de aula, um espaço propício para a construção do conhecimento e um verdadeiro laboratório de pesquisa para sempre melhorar nossa práxis como educadores.

O professor é alguém que elabora planos de atividades, aplica metodologias, reproduz conteúdos, interpreta esses conteúdos, observa comportamentos e avalia processos. Assim como o cientista no laboratório, ele inventa e implementa ações que produzem novos fenômenos cognitivos, avalia os fenômenos observados, cria novas compreensões desses fenômenos. Ele põe à prova conhecimentos existentes (BECKER, 2012a, p.12).

A fala de Bachelard (1996, p.21) resume nosso pensar: “em resumo, o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar”. É esse espírito que nos acompanha para dentro do ambiente escolar. Saber cada vez mais para melhor questionar o mundo que nos rodeia e questionar a nossa própria vivência como docentes de Geografia.

O importante é que continuemos a nos questionar em nosso devir, e assim permanecermos a nos transformar; e nos transformando, potencializamos os desequilíbrios proporcionados aos sujeitos que são/serão nossos alunos. Reafirmando que a intenção destas simplórias palavras não foi trazer conclusões fechadas ou “receitas de bolo”, mas sim, fazer pensar sobre a ação docente; e, ao pensar nessas ações, podemos reorientar ou não as nossas práticas educacionais.

## **METODOLOGIA**

Na salas de aula, os professores de Geografia cada vez mais observam que os estudantes, que ingressam tanto no Ensino Fundamental, e mesmo aqueles que estão no Ensino Médio, demonstram fragilidades com relação aos conhecimentos geográficos ou, em outros casos, um certo descontentamento quando se remetem às aulas de Geografia.

Além dessa constatação, podemos inferir, com o cuidado de evitar generalizações, que a Geografia, como componente curricular encontra dificuldades de atingir seus objetivos na Educação Básica.

Dentre outras manifestações dessa afirmativa podemos apontar o “analfabetismo cartográfico” e, por que não dizer, geográfico. Longe de apontar culpados nesse processo de ensino-aprendizagem, queremos ressaltar a importância do papel do professor como elemento desequilibrador.

Com isso a abordagem metodológica e os procedimentos utilizados em sala de aula repercutem na aprendizagem dos estudantes, e dentro destas abordagens, até certo ponto simples (simples no fator material e não de poder de reflexão), podemos aproveitar as situações que surgem para, a todo momento, tirar o aluno do prumo, levando com que o mesmo reflita e construa conhecimento.

Partilhamos das palavras de Marques (2005, p.11), quando esta coloca que “por mais que às vezes se escute o contrário, na minha experiência como professora, observo que o aluno, sempre, deseja saber”, nesse caminho é que percebemos a nossa própria importância no meio escolar como ponto de desequilíbrio, para que comecemos as reflexões sobre o que está sendo posto no rol de discussões.

Na primeira prática trazida no trabalho, remetemo-nos ao momento da sala de aula onde o discente é o “dono da palavra”; ele é incentivado, no início de cada aula de Geografia, a ir até a frente da turma e expor, durante um a cinco minutos, um livro, um filme, uma banda ou um jogo de videogame ou computador, que tenha marcado sua vida ou que ele considere que valia a pena seus colegas conhecerem para ler determinado livro, escutar certa banda, jogar o jogo A ou o B ou assistir ao filme.

Essa atividade é instigante, principalmente por fazer com que o discente se poste na frente da turma e fale para todos os colegas; o que vemos muitas vezes é que eles vão para frente apresentar suas colocações e ficam voltados para a figura do professor como se estivesse apresentando somente para o docente que está ali.

É importante levar os estudantes a apresentarem voltados para seus colegas para ir perdendo o medo de falar em público; se tornam-se até mesmo cômico os momentos onde os jovens (e as jovens) que adoram conversar no meio das aulas, se mostram perdidos quando donos da palavra.

O destaque dado por nós às falas dos educandos parte do ponto de se considerar o que ele como sujeito no/do mundo nos traz enquanto atores e autores no/do espaço geográfico. Dividimos a ideia com Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009, p.313), quando elas colocam que

“as falas dos alunos e dos professores, as representações gráficas e imaginárias em suas práticas, precisam ser consideradas”.

Dando voz ao nosso alunado, pensamos também em lutar contra o modo tradicional de se pensar o processo de ensino-aprendizagem no campo da educação.

“Como é essa aula? O professor fala, e o aluno escuta. O professor dita, e o aluno copia. O professor decide o que fazer e, em geral, decide o mesmo de sempre, e o aluno executa. O professor “ensina”, e o aluno “aprende”” (BECKER, 2012b, p.14).

O bom seria dividir a turma durante o trimestre ou semestre, de acordo com o tamanho da mesma. No nosso caso colocamos, a cada semana, dois estudantes para expor de forma individual, seguindo a ordem da chamada, fazendo com que estes dois discentes sejam os responsáveis pela exposição tendo que escolher um dos itens citados (livro, filme, jogo ou música).

Ressaltando que o livro, o filme, a banda ou o jogo não precisam estar atrelados a nada geográfico; o importante é que esses itens façam parte do cotidiano dos jovens com que dialogamos diariamente na sala de aula, mas que muitas vezes pouco conhecemos seus gostos e escolhas. (A “geograficidade” dada parte do poder de relação do professor, que pelo que constatamos consegue uma série de momentos para desequilibrar o aluno, fazê-lo refletir juntamente com seus colegas de sala de aula).

Essa é uma atividade muito proveitosa que não leva nenhum material, além da própria criatividade dos nossos educandos. Essa prática deriva dos escritos de Castrogiovanni (2012) e Kaercher (2007) e vem se mostrando uma grata surpresa cada vez que a iniciamos com uma nova turma.

Kaercher (2007, p.30), sobre esta atividade, fala que ela “serve para qualquer faixa etária ou série e visa, basicamente, a fazer com que eles assumam sua palavra, que tragam assuntos de seu interesse, que se exponham, que “saíam da toca” do comodismo de serem meros ouvintes”.

Podemos adiantar que as surpresas com esse momento de saída da zona do conforto dos nossos alunos (e alunas) foram muitas e traremos algumas na parte conclusiva do trabalho.

Certamente você professor de Geografia, ou História, Matemática ou Português, qualquer que seja sua área do conhecimento, terá um horizonte de expectativa superado, muitas vezes, a partir desta atividade que até certo ponto parece ser simplória.

O importante não é facilitar muito para o aluno, então temos que dialogar com eles para que não somente contem a história do livro, mas, por exemplo, porque deste livro

marcou sua vida? Qual a razão para que os seus colegas assistam a este filme e não ao filme B?

Lembrando que não é importante que o educador tenha necessariamente lido o livro, assistido ao filme, jogado o jogo ou conheça a banda trazida pelos educandos; basta que fiquemos atentos à fala e, a partir dela, consigamos criar uma série de relações não somente com o conteúdo geográfico, mas com o próprio cotidiano dos jovens e também com o que está sendo vinculado na mídia.

Paulo Freire (2011, p.111) em diversos escritos seus, ressalta a importância de o educador ouvir seus iguais que transitam principalmente pelo ambiente escolar:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele.

Ainda Freire (2011, p.119-120), nos traz esse belo escrito sobre o mal que podemos fazer ao não respeitar a leitura de mundo do discente, leitura esta que acreditamos ser inacessível se não dermos a chance de o próprio aluno (e aluna de) ser o ator principal nos palcos escolares.

Sem bater fisicamente no educando o professor pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem. A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola [...] se constitui um obstáculo à sua experiência de conhecimento. Respeitar a “leitura de mundo” do educando [...], saber escutá-lo, não significa, já deixei isto claro, concordar com ela, a leitura de mundo, ou a ela se acomodar, assumindo-a como sua. Respeitar a leitura de mundo do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando.

A atividade do “um minuto” pode ser adaptada facilmente a sua realidade professor (e professora); pode-se levar os alunos a falarem sobre uma figura pública que lhes chama atenção ou sobre um país ou região que sonham conhecer; o importante, mais uma vez destacamos, é o poder desequilibrador nosso como educador, frente as situações trazidas.

Piaget (1982, p.08), esclarece que: “sem dúvida, uma manifestação espontânea da criança vale mais que todos os interrogatórios”. É seguindo nesse caminho que pensamos no diálogo como égide do embate entre a educação que queremos e a educação conservadora e positivista que domina a maioria de nossos ambientes escolares, vendo, assim, a voz juvenil ecoando pelos áridos palcos das salas de aula, reverberando como o som do mais belo sino e



adentrando nossos ouvidos de educador como as poesias de Fernando Pessoa e as palavras do gênio Guimarães Rosa.

A segunda atividade que desenvolvemos neste trabalho é “viajando no mapa-múndi”, que, desde o início, parte do ideário do mapa dentro da aula de Geografia.

Quando falamos em Geografia, o termo mapa vem logo a nossa cabeça (e dos nossos estudantes também!), Callai (1999, p.60) traz que, “ao serem solicitados [...] a “citar” cinco palavras que lhe vêm à cabeça, quando se fala de Geografia, individualmente a palavra MAPA é a que mais aparece. Geografia, para muitos, tem sido, portanto, sinônimo de mapa”.

Mas, se formos parar para refletir a nossa própria docência, onde estão os mapas tão representativos de nossa ciência?

Os produtores cartográficos permeiam nosso cotidiano (observe as paredes de bibliotecas, escritórios, bancos, prédios, casas...eles estão lá, eu garanto!), mesmo assim eles não são devidamente interpretados como deveriam, muitas vezes permanecem inexistentes em aulas de Geografia (dá para acreditar!).

Por sua vez, o desenvolvimento da linguagem gráfica torna-se importante desde o início da escolaridade, porque contribui não apenas para que os alunos venham a compreender e a utilizar os mapas, como também para que desenvolvam habilidades e capacidades relativas à representação e leitura do espaço geográfico.

Chegar a um lugar desconhecido utilizando um mapa, ou consultar o guia de ruas para traçar um bom caminho, é uma tortura para muita gente. Embora essas ações pareçam banais, realizá-las com desenvoltura requer uma série de conhecimentos que só são adquiridos num processo de alfabetização diferente. Ele não envolve letras, palavras e pontuação, mas linhas, cores e formas. É a aprendizagem da linguagem cartográfica.

Indo neste encontro é que pensamos sempre no mapa dentro do ambiente escolar, mesmo que não o utilizemos, levamo-lo para a sala, a fim de para que o discente se acostume a ele, não o veja como um objeto estranho ao espaço escolar.

Dentro da atividade e no decorrer das aulas, o aluno Pedro<sup>1</sup> nos questionou “quantos mapas o senhor tem professor? A cada dia aparece com um mapa diferente”! Respondi-lhe que os mapas eram todos da escola e que a mapoteca da instituição de ensino é bem

---

<sup>1</sup> Apoiados em Flick (2009, p.100) deliberamos por utilizar um nome fictício do aluno para manter sua integridade e sigilo: “quando se abordam pessoas para que participem da pesquisa, deve estar garantido que elas não sofram quaisquer desvantagens, prejuízos ou riscos por participar”.



diversificada. Ele colocou que havia cinco anos que estudava na escola e não havia visto nenhum mapa nas aulas de Geografia.

Será que isso é possível? Geografia sem mapas é como matemática sem números, história sem o tempo, português sem os verbos e química sem a tabela periódica.

Nessa atividade vemos uma grande participação, principalmente dos mais novos, ela proporciona uma certa bagunça, se possível vale a pena aplicar usando espaços fora da sala de aula como o pátio da escola (claro que se não formos atrapalhar as aulas dos outros colegas professores).

A metodologia segue uma série de etapas que são simples: primeiro fornecemos folhas de ofício com o nome de vinte países, ou mesmo, escrevemos os nomes no quadro se estivermos dentro da sala de aula, depois dividimos a turma em duas ou três colunas dependendo o tamanho da turma, cada coluna fica com uma relação de vinte nações mundiais e pronto.

Recomendamos dividir a turma pela chamada, um ao dez, onze ao vinte e um e por assim adiante. Isto evita as famosas “panelinhas” e economiza o tempo de organização dos estudantes em grupos.

No momento de iniciar a atividade, é aconselhável deixar as colunas de alunos afastados de onde está localizado o mapa-múndi onde eles devem localizar as nações, primeiro, para evitar colas; segundo, para evitar que mais de uma pessoa por grupo esteja ao redor do mapa; terceiro, para controlar mais facilmente o resto da turma que sempre existe um grupo que quer se dispersar para conversar ou mexer em celulares.

Como Kaercher (2007, p.19) traz: “o resultado é um caos!”

Mas vale a pena pela participação ser massiva pelo espírito competitivo de querer achar os países mais rápido que o outro grupo. Garanto que vamos ver momentos engraçados.

Tanto a atividade do “um minuto” como a “viagem pelo mapa-múndi” vem tirar o aluno do seu comum, a primeira prática faz com que suas vozes sejam ouvidas; a segunda, leva os alunos a se movimentarem, o que os tira da monotonia de ficarem sentados, tentando memorizar os afluentes da margem esquerda do Rio Amazonas.

Por fim, trazemos uma atividade pensada por nós que chamamos de “abc dos mapas”, mas que também se encaixa na “Geografia do custo zero”, e que pode ser utilizada no início do ano letivo como um “quebra gelo” com os novos alunos.

Essa prática é simples de se realizar e promove um ótimo diálogo com os discentes, primeiro, fazemos um círculo ou fila, (gostamos mais de um círculo, pois assim todos se enxergam e ninguém fica de costas para ninguém). Após o círculo montado, o primeiro aluno

ou aluna começa falando o nome de uma cidade, estado ou país e o educando a seguir fala o nome de outro lugar onde a última letra do lugar dito primeiro deverá ser a letra inicial da localidade a ser falada pelo próximo discente do círculo, e assim por diante.

Um exemplo: se a estudante Eduarda falar Canadá, o segundo poderá dizer Argentina e o terceiro, Amapá.

O jovem que errar ou não souber será desclassificado e vencerá quem ficar por último. É importante levar mapas para a sala de aula para sanar possíveis dúvidas de ortografia ou mesmo sobre a existência de determinados lugares, bem como, mostrar a localização de possíveis lugares, levando sempre que o aluno (e aluna) se familiarize com os produtos cartográficos e comece a aprender a ler as informações contidas nos mapas que são o texto da Geografia.

Para agilizar essa prática, é importante o docente estipular um tempo curto de resposta, por exemplo, quinze ou trinta segundos, assim o pessoal fica atento a atividade e não começa a dispersar a atenção.

## CONCLUSÃO

As potencialidades com estas três atividades são diversas, o aluno sai completamente de sua zona de conforto na sala de aula e ainda conseguimos aprender sobre o contexto cultural desses discentes com quem dialogamos diariamente e, por fim, compreendemos que visão eles possuem sobre os mapas, como é sua orientação e seu senso de localização.

Dividimos o pensar sobre o ensino com Costella; Schäffer (2012, p.41), (por isso, buscarmos em atividades que não são, de forma alguma, uma mudança metodológica do ensino geográfico, não é a invenção da roda) como uma forma de fazer-se ouvir os estudantes e colocá-los em movimento dentro da aula de Geografia.

Ensinar Geografia é mais do que informar sobre acontecimentos. É possibilitar que os alunos os compreendam, os contextualizem espacial e temporalmente e, a partir daí, ampliem condições para inferir outras interpretações, independentemente do espaço estudado.

Na atividade do “um minuto”, por exemplo, ficamos sabendo que uma aluna do sétimo ano é escritora de crônicas belíssimas, isto se deu por ela ter trazido para apresentação sua própria obra. Como saberíamos isso se não deixássemos a voz desta aluna ressonar pelas paredes da sala de aula? Talvez ficaríamos sabendo, mas demoraria um tempo mais longo, com certeza.

Outra associação interessante que conseguimos realizar foi com um aluno do oitavo ano que apresentou 1984 do George Orwell. Ligamos a obra com o reality show big brother que se originou a partir de um holandês, que tirou a ideia da vigilância vinte e quatro horas de um grupo de pessoas da obra de Orwell, o que nos levou até a discussão sobre a Holanda, sobre os países baixos e sobre o continente europeu. Uma ideia vai se ligando em outra, o que gera momentos de discussão construtiva que prende a atenção dos discentes.

Poderíamos seguir citando dezenas de exemplos, mas esse não é o nosso intuito neste momento, além da clara ilação de pontos que podemos realizar a partir das falas dos alunos (e alunas) temos um momento de aprendizado do horizonte do dia a dia destes jovens.

Dentro da sala de aula escutamos nomes de bandas que não conhecíamos, de jogos que não sabíamos que existiam e por meio disso vamos construindo pontes entre o cotidiano e o conteúdo presente nos currículos escolares, o que torna o aprendizado mais significativo por parte do educando.

Já com o mapa-múndi observamos como os discentes conseguem se localizar nos produtos cartográficos, esse fator se torna de suma importância para um professor de Geografia para o decorrer dos conteúdos. Uma vez que precisamos ensinar o continente europeu e africano, por exemplo, e trazemos para a discussão alguns países, precisamos perceber se esse nosso aluno possui um mínimo de senso de espacialidade e consegue se remeter quando falamos de um país, onde este mesmo país se encontra no globo terrestre.

Como bem colocado por Costella (2008, p.90): “conhecer o que o aluno compreende do espaço é fundamental para falar sobre espaço para esse aluno”.

É impressionante que os alunos em sua totalidade, do sexto ao nono ano acreditam que a Jamaica se localiza no continente africano. Além desse ponto, eles geralmente travavam em países como Suriname, Nicarágua e Guiana onde achavam que ficavam localizados na Ásia, ou, ainda, travavam na Jamaica e Papua Nova Guiné que juravam fielmente que se localizavam na África.

A partir do mapa-múndi, conseguimos discutir a questão da orientação, tendo a rosa-dos-ventos como instrumento principal. Com os educandos em suas classes fomos discutindo quem estava nos pontos cardeais e colaterais; por exemplo, o aluno A está onde em relação ao aluno B? Esse diálogo com os discentes nos auxilia a minimizar a abstração presente no âmbito das formas de se orientar.

Reflexões sobre a legenda vieram à tona também, discutimos formas de como se representariam certos elementos da superfície terrestre, como o relevo e a vegetação, além de símbolos convencionais, como uma torre de petróleo, que representa as reservas petrolíferas

mundiais, e, ao colocamos o símbolo no quadro, pedimos o que vem à mente quando pensamos em petróleo, o que gera uma nova e bela discussão.

No geral, a primeira palavra que nos chega é dinheiro, depois surgem termos como gasolina, plástico, pré-sal, poluição, Petrobras, conflitos, entre outros. A partir destas ilações podemos gerar um diálogo construtivo interessante, além de dar voz aos alunos para exporem o que possuem de simbólico, quando trazemos para a discussão uma série de conceitos e temas.

Por fim, percebemos que práticas pedagógicas como do “um minuto”, “viajando pelo mapa-múndi” e o “abc dos países” concatenam em sua essência uma potencialidade para discussões geográficas a um custo monetário zero, não precisamos de mais nada do que um mapa-múndi e da criatividade dos nossos alunos (e alunas), sendo que são práticas possíveis de serem realizadas em diferentes faixas etárias, respeitando sempre o aprofundamento das discussões é claro.

Com isso conseguimos construir ao mesmo tempo uma “Geografia do custo zero” e uma Geografia mais interessante e significativa, com uma participação maior dos estudantes que se acostumam a se acomodarem nos períodos letivos esperando pelo sinal que lhes indica que podem ir para casa e não nos retorna no diálogo, e sem diálogo a aprendizagem é inexistente.

Como bem colocado por Kaercher (2012, p.118):

[...] às vezes propomos a aula em “FM”, e eles a entendem em “AM” (ou vice-versa): não há má vontade de nenhuma parte, mas, simplesmente, não nos entendem, não há comunicação, não há diálogo. E, sem isso, como haver ato educativo? Sem diálogo, há apenas repasse de informações. O que é pouco!

O ensino pautado unicamente no repasse da informação não é o que queremos, é o que você quer professor e professora? Acredito que não, por isso precisamos continuar ouvindo nossos educandos, precisamos continuar aprendendo com eles, precisamos acreditar neles, precisamos continuar a confiar na educação básica, mesmo que nos levem a desacreditá-la.

Finalizando e abrindo para o diálogo, trazemos as palavras do filósofo francês Patrick Viveret (2013, p.33): “estamos tão formatados para enfrentar o pior que não sabemos mais trabalhar a partir do melhor”, por isso vos digo educadores e educadoras, por favor, escutem seus alunos e alunas, acreditem neles e em seus potenciais, sejam abertos as “belezas” contidas em suas práticas, aproveite e se acostume com o belo, não adentre os palcos da vida profissional esperando sempre o pior.

Seja um professor-pesquisador aberto à construção do conhecimento e acredite em suas próprias práticas sempre refletindo a fim de potencializá-las. Confiamos que persistem trabalhos maravilhosos sendo desenvolvidos por educadores nos mais distantes cantos desses brasis, acreditamos que nos interiores e centros urbanos, nas grandes e pequenas cidades, existem professores como eu e você que encantam seus alunos através da viagem advinda da ciência geográfica.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BECKER, F. Ensino e pesquisa: qual a relação? In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (Org.). **Ser professor é ser pesquisador**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012a. p. 11-20.
- \_\_\_\_\_. **Educação e construção do conhecimento**. 2. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: Penso, 2012b.
- CALLAI, H. C. A Geografia no Ensino Médio. In: **Terra Livre**. São Paulo: nº 14, 1999. p.56-89.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. 10. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- COSTELLA, R. Z. **O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais**. 2008. 202 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- COSTELLA, R. Z.; SCHÄFFER, N. O. **A Geografia em projetos curriculares**: ler o lugar e compreender o mundo. Erechim: Edelbra, 2012.
- FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- KAERCHER, N. A. Práticas geográficas para ler e pensar o mundo, converte e entender com o outro e entender descobrir a si mesmo. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia**: práticas pedagógicas para o Ensino Médio. Porto Alegre: Artmed, 2007. p.15-33.
- \_\_\_\_\_. Ser docente, ser discente: modelos e identidades. Conhece e revela-te estudando a cidade. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideo, *Anais...* Montevideo: Universidad de la República, 2009. Disponível em: <<http://egal2009.easyplanners.info>>

\_\_\_\_\_. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 10.ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.115-143

MARQUES, T. B. I. **Do egocentrismo à descentração: a docência no ensino superior**. 2005. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PASSINI, E. Y. **Alfabetização cartográfica e a aprendizagem de geografia**. São Paulo: Cortez, 2012.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VIVERET, P. O que faremos com a nossa vida? In: MORIN, Edgar; VIVERET, Patrick. **Como viver em tempo de crise?** Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.